

PRAÇA JESUINO DO MONTE CARMELO

ANPVL 2372 1

Decreto nº 6517 de 08-07-1981, Artigo 1º, Inciso II
Protocolado nº 11.282 de 16-04-1981, em nome de Comissão de Nomenclatura de Vias e Logradouros Públicos

Formada pela praça sem denominação do Jardim Boa Esperança, situada no quarteirão 1.972 do Cadastro Municipal

Situada entre as ruas João Quirino do Nascimento e Artur Manoel de Castro

Jardim Boa Esperança

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas, em Exercício, José Roberto Magalhães Teixeira.

JESUINO DO MONTE CARMELO

Jesuino do Monte Carmelo, nome adotado após sua ordenação a 13-09-1797, e que chamou-se no século Jesuino Francisco de Paula Gusmão, nasceu na então Vila de Santos, a 25-03-1764 e faleceu em Itu, a 30-06-1819. Filho de Domingos Inácia Gusmão, parda fôrta, muito pobre e de pai desconhecido. Sem recursos para estudar, Jesuino começou a trabalhar no ofício de pintor, onde revelava habilidade. Em 1781, foi de Santos para Itu, em companhia de um frade carmelita que iria dirigir uma obra religiosa nessa cidade, obtendo a promessa de conseguir serviço de sacristão e decorador de altares e, possivelmente, fazer alguma pintura. Sempre muito bondoso e de vida exemplar, uma família ituana pretendeu tê-lo entre si, conseguindo fazê-lo casar-se com Maria Francisca de Godói, em 1784. Porém, o casamento dura pouco mais de nove anos, enviuvando-se a 13-04-1793, ficando com 5 filhos. Durante todo esse tempo Jesuino fazia pinturas, como na igreja do Carmo, onde pintou o teto da capela-mor, um medalhão representando Santa Teresa e outro com a imagem do Menino Jesus de Praga. Na Matriz Nova, pintou 12 quadros a óleo sobre tela, para a capela-mor, descritos pelo viajante sueco Gustavo Beyer, em 1813, como "bons quadros da historia da igreja". Concluídos esses trabalhos, Jesuino já com a idade de 30 anos, dirige-se à São Paulo para estudar latim e outras matérias necessárias, a fim de concretizar seus velhos sonhos. Tal seu esforço e vontade, que em pouco tempo consegue, pois toma as ordens menores em setembro de 1797, a 19-11-1797, as de epístola, a 10-12-1797, as de evangelho e a 23 do mesmo mês, as de missa. Adota o nome de Jesuino do Monte Carmelo, e voltando à Itu, idealiza a construção de um convento de freiras, que comunica a outras pessoas. A idéia chega ao padre Manuel Ferraz Pacheco, homem rico, com muitas propriedades, que lhe fornece os meios,

doando-lhes não só o seu engenho, chamado "Sítio do Tanque", como toda a escravaria e o terreno. O padre Jesuino vendeu o engenho e com o resultado deu início à construção da igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, do convento, colégio e tudo o mais. Segundo Francisco Nardi Filho, em seu livro "A Cidade de Itú", o padre Jesuino foi ao mesmo tempo arquiteto, mestre de obras e decorador do edifício. O próprio pátio, onde se levantou a igreja, foi obra sua. Fazia de tudo o padre Jesuino: era pintor, escultor, músico, marceneiro e talvez entalhador, sem nunca ter tido um professor que lhe ensinasse qualquer ofício ou arte. Sua Paróquia, a Igreja do Patrocínio, tornou-se um verdadeiro foco de idéias as mais revolucionárias, quer no campo político, como no religioso. Formou-se ali a famosa "Comunidade Reformista do Patrocínio", da qual participavam, além de Jesuino, entre outros, Diogo Feijó, Arcanjo Ribeiro e João Xavier. Quando já ideava a festa de inauguração de seu templo, Jesuino faleceu. Sua morte comoveu a toda a cidade e abala a Diogo Antonio Feijó, que em seu necrologio não contém sua revolta: "O ímpio, o malvado, vive; e o padre Jesuino, morre! Providencia de meu Deus, eu vos adoro!" A igreja do padre Jesuino, a igreja de Nossa Senhora do Patrocínio foi solenemente inaugurada em novembro de 1820. Em 02-06-1821 seus restos mortais foram trasladados para a igreja que idealizou e construiu.

PRAÇA JESUINO DO MONTE CARMELO



DECRETO N.o. 6517 de 08 de julho de 1981

DÁ DENOMINAÇÃO A PRAÇAS E VIAS PÚBLICAS
DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual N.o. 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA:

Artigo 1o. - As praças e ruas abaixo descritas e caracterizadas, passam a denominar-se:

I - "PRAÇA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL" a praça sem denominação da Vila Mimosa, circundada pelas Ruas das Azeiteiras, das Cravinas e das Magnólias.

II - "PRAÇA JESUINO DO MONTE CARMELO" a praça sem denominação do Jardim Boa Esperança, situada no quarteirão 1.972 do Cadastro Municipal, circundada pelas Ruas João Quirino do Nascimento e Arthur M. de Castro.

III - "RUA PASTOR ALFREDO ARMANDO CARLS-TROM" a Rua Projetada da Vila Nova, situada entre o quarteirão 545 do Cadastro Municipal e Parque Infantil Dr. Mário Gatti, com início na Rua João Batista Signori e término na Rua Dom Francisco de Aquino Correia.

IV - "RUA JOSÉ MAURÍCIO GARCIA" as Ruas 5 do Jardim Monte Líbano e 8 do Jardim Esmeraldina, com início na Rua 2 do Jardim Monte Líbano e término na divisa do Loteamento Jardim Esmeraldina.

V - "RUA MONSENHOR BRUNO NARDINI" a Rua 9 do Jardim Samambaia, com início na Rua Vicente da Fonseca Ferrão e término na Rua 8 do Jardim Samambaia.

VI - "RUA VITOR MEIRELLES" as Ruas 1 do Jardim Maisa, 5 do Jardim Esmeraldina e 8 do Jardim Samambaia, com início na Rua Antonio Vicente de Paula e término na divisa do loteamento Jardim Esmeraldina.

VII - "RUA FERNANDO PAES DE BARROS" as Ruas 3 do Jardim Monte Líbano e 10 do Jardim Esmeraldina, com início na Rua 2 do Jardim Monte Líbano e término na Avenida 2 do Jardim Esmeraldina.

VIII - "RUA GABRIEL RODRIGUES DOS SANTOS" as Ruas 4 do Jardim Monte Líbano e 9 do Jardim Esmeraldina, com início na Rua 2 do Jardim Monte Líbano e término na Avenida 2 do Jardim Esmeraldina.

Artigo 2o. - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 08 de Julho de 1981

DR. JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA
Prefeito Municipal em Exercício

DRA. NEIDE CARICCHIO
Secretária dos Negócios Jurídicos

ENGO. DARCY STRAGLIOTTO
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Conselho Técnico-Legislativo da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado N.o. 11.282, de 16 de abril de 1981, em nome da Comissão de Nomenclatura de Vias e Logradouros Públicos, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 08 de Julho de 1981.

DR. HAMILTON DE OLIVEIRA
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito



Concluídas as pinturas do Carmo e Matriz, dirigiu-se à capital (já na idade de 30 anos) para estudar o latim e outras matérias necessárias, a fim de realizar os seus mais belos sonhos. No espaço de quatro anos e quatro meses depois de viúvo, a 13 de setembro de 1797, tomou ordens menores, a 19 de novembro as de epístola, a 10 de dezembro as de evangelho e a 23 do mesmo mês as de missa. Desde as primeiras ordens passou a assinar-se Jesuino do Monte Carmelo, celebrando a primeira missa no dia em que a igreja soleniza a Senhora do Carmo, no ano de 1798. A primeira criança que batizou conta hoje (1870) 72 anos; é a Sra. D. Teresa, irmã do padre João Paulo da Costa; a ela disse um dia o reverendo padre Jesuino:

"Thereza, asseguro-vos que fostes bem baptizada, fostes a primeira criança a quem administrei este Sacramento, e fi-lo com toda a attenção."

Meditava o padre Jesuino erigir um convento de freiras, e comunicando esta idéia, entre outras pessoas, ao padre Manuel Ferraz de Camargo, homem abastado de bens, este forneceu-lhe os meios doando-lhe não só o engenho chamado do *Tanque* com a escravatura respectiva, como o terreno em que está situada a igreja do Patrocínio e suas dependências. O padre Jesuino vendeu o engenho a Antônio Leite de Sampaio, e com o produto deu começo à obra da fundação desta igreja e convento; alguns opulentos ituanos o auxiliaram ainda para a conclusão das obras, de que ele mesmo foi o arquiteto, e quando próximo estava a satisfação de seus mais caros desejos, quando já ideava a festa da inauguração do seu templo querido, a foice da morte o ceifou no dia 2 de junho de 1819.

Ante os altos decretos da Providência a humanidade nada mais pode que curvar a cabeça.

Em novembro de 1826 teve lugar com a pompa possível a solenidade da inauguração da SS. Virgem do Patrocínio, a que concorreu numeroso auditório. Dois anos depois, o finado padre Diogo Antônio Feijó, por ocasião da trasladação dos ossos desse venerando sacerdote para a igreja que edificara, dizia no discurso necrológico:

"A invenção e a piedade d'aquelle sacerdote chamou mil vezes ao nosso paiz os povos circumvizinhos; vistes annualmente com prazer vossas casas pejudadas e hospedes desconhecidos, mas tornados vossos amigos pelos laços da gratidão."

Graças ao incansável zelo do padre Jesuino do Monte Carmelo, quando o venerando bispo D. Antônio Joaquim de Melo resolveu criar um colégio de meninas dirigido por irmãs de São José, que, a esforços seus, foram mandadas para Itu, encontrou a igreja e casa do Patrocínio que otimamente se prestaram à realização do pensamento de D. Antônio.

O padre Jesuino do Monte Carmelo teve, de seu casamento com D. Maria Francisca de Gódoi, os filhos seguintes:

1. — Elias, que faleceu de 7 dias.
2. — D. Maria Teresa, que faleceu sendo regente do recolhimento de educandas.

3. — Elias do Monte Carmelo, que seguiu a carreira de seu pai, ordenando-se de presbítero.

4. — Eliseu, que foi insigne estatutário; entre as belas obras que deixou mencionaremos as imagens da Senhora do Patrocínio e de São Jorge. Na música a sua voz de barítono não teve imitadores.

5. — Simão Stock do Monte Carmelo, que também ordenou-se de presbítero; muitos reparos fez na igreja do Patrocínio, e distinguuiu-se também como arnhador.

(Devemos esta biografia ao prestimoso e inteligente Sr. Joaquim Leme de Oliveira César, residente em Itu.)

RUA JESUINO DO MONTE CARMELO

Foi outro vulto notável da historia dos paulistas antigos, -- que se projetou enormemente nas paginas de nossa historia, -- sendo, além do mais, apreciado artista do pincel, que vulgarizou seu nome ainda mais populamente, no seio da coletividade não só de sua terra, como de toda antiga Provincia paulista. Pelo -- que dele se escreveu e se pode leer na sua biografia, cêse -- que Frei Jesuino de Monte Carmelo tem de tudo para merecer -- nossa homenagem



JESUINO DO MONTE CARMELLO — Nasceu na então vila de Santos a 25 de março de 1764, e chamou-se no século Jesuino Francisco de Paula Gusmão.

Dedicado desde seus mais tenros anos à pintura, transportou-se a Itu em companhia de uma carmelita nomeado presidente do convento desta vila e aí residiu empregando-se na pintura da igreja, trabalho que na restauração que ultimamente se fez da mesma igreja foi todo destruído, para ficarem as paredes brancas.

Jesuino Gusmão aí demonstrou todo o gênio de que era dotado. Seria longo descrever miudamente o plano de pintura que ideou e executou; basta dizer que o interior do templo era forrado de madeira e pintado a óleo; entre engenhosos arabescos viam-se representados diversos santos em tamanho natural; ao correr do entablamento no teto eram os apóstolos e evangelistas e no centro uma série de medalhões com emblemas místicos ou instrumentos da paixão; no corpo da capela-mor viam-se diversos passos da Escritura Sagrada (liv. 3.º e 4.º dos Reis) que se referiam aos profetas Elias e Eliseu.

Dessa destruição escaparam e estão retocadas de novo em fundo branco as pinturas dos santos personagens que pertenceram à Ordem Carmelita; no teto, também retocado, ainda existem pontífices, cardeais e bispos, e no centro, entre numerosos anjos, a Virgem do Carmelo.

Em todo o tempo que Jesuino de Gusmão trabalhou nesta decoração não recebeu salário algum, e quando a concluiu empregou todo o produto acumulado em paramentos novos de que a igreja precisava.

A bondade inata, a vida exemplar que observava, grangearam-lhe tais afeições, que uma família de Itu o solicitou para o seu seio e o conseguiu, não sem alguma resistência, para esposo de D. Maria Francisca de Godói em 1784, contando ele apenas 20 anos e ela 18 de idade. Viveu neste estado pouco mais de 9 anos, enviuvando aos 13 de abril de 1793.

Apenas viúvo, e não obstante ter ficado com cinco filhos, Jesuino de Gusmão foi logo procurado para nova aliança, mas sua vocação o arrastava para outro estado; o sacerdócio era seu fito e por isso para desengano dos que o solicitavam para segundas núpcias, mudou de vestuário, passando a usar somente do hábito de pano preto de algodão cingido com uma tira de couro, e assim trabalhava e comparecia a toda a parte.

(Denominação dada pelo Decreto 6517 de 08 de julho de 1981, à praça sem denominação do Jardim Boa Esperança, situada no quarteirão 1972 do Cadastro Municipal, circundada pelas Ruas João Quirino do Nascimento e Arthur Manuel de Castro)



Jesuino de Monte Carmelo

A 2 de junho de 1819 falece em Itu o padre Jesuino de Monte Carmelo, que se chamou no seculo Francisco de Paula Gusmão, nascido em Santos a 2 de março de 1764. Sentindo grande vocação e habilidade para a pintura, sem ter tido professor para guiá-lo, chegou a ser bom pintor. Ainda adolescente, em Itu, a pedido de frei Tomé, prior do convento do Carmo, decorou o templo dos carmelitas com quadros a óleo, representando diversos santos, cardeais e bispos. Em 1784, casou-se e, enviuvando nove anos depois, procurou realizar o sonho que há muito o atraía: seguir a carreira eclesiastica. Fez então seus estudos em São Paulo, e após receber as ordens sacras, voltou a Itu, de onde nunca mais saiu. Foi o fundador da igreja de Nossa Senhora do Patrocinio, inaugurada em novembro de 1820, sendo ele mesmo o responsavel pelo projeto da construção. Musico, apesar de nunca haver aprendido, compôs diversas musicas sacras que ainda hoje são cantadas nas solenidades religiosas. Alem dos trabalhos citados, pintou ainda 10 telas recolhidas ao Museu da Curia Metropolitana de São Paulo. Em 1822 seus restos mortais foram trasladados para a igreja de Nossa Senhora do Patrocinio.

JESUINO DE MONTE CARMELLO

O padre Jesuino de Monte Carmello, natural de Santos, faleceu em Itu no dia 2 de junho de 1819. "No seculo chamou-se Jesuino Francisco de Paula Gusmão. Foi o fundador da igreja de N. S. do Patrocinio de Itu, que foi inaugurada em Novembro de 1820. Em 1822 os seus restos mortaes foram trasladados para a igreja que edificara e nessa occasião, no discurso necrologico disse o Padre Feijó: A invenção e a piedade d'aquelle Sacerdote chamou mil vezes ao nosso paiz os povos circumvisinhos; vistes, annualmente, com prazer vossas casas pejudadas de hospedes desconhecidos, mas tornados vossos amigos pelos laços da gratidão" (J. J. Ribeiro). Antes de ordenar-se o Padre Jesuino foi casado com Maria Francisca de Godoy e teve cinco filhos.

(O ESTADO "02.06.1974)

2 de junho

1819 — Falece em Itu o padre Jesuino de Monte Carmelo (Francisco de Paula Gusmão), nascido em Santos a 2 de março de 1764. Sentindo grande vocação e habilidade para a pintura, sem ter tido professor para guiá-lo, chegou a ser um bom pintor. Ainda adolescente, em Itu, a pedido de frei Tomé, prior do convento do Carmo, decorou o templo dos carmelitas com quadros a óleo, representando diversos santos, cardeais, bispos. Em 1784, casou-se e, enviuvando nove anos depois, procurou realizar o sonho que a muito o atraía: a carreira eclesiastica. Fez então seus estudos em São Paulo e após receber as ordens sacras, voltou para Itu, de onde nunca mais saiu. Construiu a igreja de Nossa Senhora do Patrocinio, fazendo ele mesmo a planta. Apesar de nunca haver aprendido musica compôs diversas partituras sacras que ainda hoje são cantadas nas solenidades religiosas.

brasiliiana

Ernani Silva Bruno



Itu e seu pintor padre Jesuino do Monte Carmelo

O Museu de Arte Sacra de São Paulo (do Conselho Estadual de Cultura, da Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo), acaba de ter sua exposição enriquecida com dez telas do século dezoito, de autoria do padre Jesuino do Monte Carmelo, o maior pintor paulista da era colonial. Trata-se de pinturas a óleo sobre tela, feitas para o recolhimento de Santa Teresa, representando quatro evangelistas e seis doutores da igreja e que estavam recolhidas em uma sala da Catedral de São Paulo. Parece oportuno que se lembre alguma coisa da vida e da arte desse mulatinho santista que mereceu esta opinião do mestre Mário de Andrade: "A mais curiosa e importante figura da arte colonial paulista é o padre Jesuino do Monte Carmelo, músico, pintor, arquiteto e talvez entalhador".

FILHO DE PARDA FÓRRA

Jesuino Francisco de Paula Gusmão (era seu nome antes de se ordenar e de tomar o de Jesuino do Monte Carmelo), nasceu em Santos a 25 de março de 1764, filho de Domingas Inácia Gusmão (parda fórra, muito pobre) e de pai desconhecido, embora se dissesse então que era Antônio Guarardo Jácome.

Dizem que Jesuino, encantado desde menino com os templos e as cerimônias da Igreja Católica, sonhou em se fazer padre, mas como não dispunha de recursos para estudar, começou a trabalhar no ofício de pintor, para o qual revelava habilidade, também desde criança.

Em 1781 (contava dezesete anos de idade) foi levado, de Santos para Itu, por um frade que nessa última cidade ia dirigir o hospício do Carmo, sob promessa de ali obter serviços de sacristão e decorador de altares e talvez alguma obra de pintura.

Cruiu raízes na povoação do vale do Tietê, onde se casou, em 1784, com a ituana Maria Francisca de Godol, que lhe deu cinco filhos e morreu em 1793. Enluvuado, Jesuino fez-se padre em 1787.

Faleceu o artista, com cinquenta e cinco anos de idade, em Itu, no dia 30 de junho de 1819. Sepultado na igreja do Carmo, seus restos mortais foram transferidos, a 2 de junho de 1821, para a igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, idealizada e construída por ele e então concluída.

IGREJA DO PATROCÍNIO

"O Patrocínio, Igreja e, indiretamente, o Colégio (escreve A. de Almeida Prado em suas "Crônicas de Outrora") devem-lhe tudo, pois tudo surgiu e cresceu em função do seu esforço, de sua capacidade de improvisação, de seu animado poder criador. O próprio pálio, onde se levantou a igreja, foi obra sua".

Os recursos para o início desse empreendimento foram propiciados pelo padre Antônio Ferraz Pacheco, que doou a Jesuino, o engenho de açúcar denominado Sítio do Tanque, com todos os seus cativos e mais um terreno do perímetro da cidade, com cinquenta braças de frente e mais de duzentas de fundo.

O padre Jesuino (conta Francisco Nardi Filho em seu livro "A Cidade de Itu"), foi ao

mesmo tempo arquiteto, mestre de obras e decorador do edifício do Patrocínio, sendo auxiliado pelo mestre carpinteiro Antônio Luis Penalva e seu filho, o contramestre Bento José Labor, apelidado Bento Pombinho.

Desse edifício, Mário de Andrade destacou a originalidade da concepção: "O fundo da capela-mór, Jesuino o imaginava diferente de tudo quanto se conhecia na região, semicircular, com oito colunas jônicas às paredes, no mesmo estilo das da nave e também suportando arcos que perfazem, como nervuras, uma abóbada".

CIVILIZAÇÃO DO AÇÚCAR

Que papel teria desempenhado o ambiente ituano na plena realização da virtualidade artística de Jesuino? Sem dúvida, papel de enorme destaque. Lembra-se que a povoação do vale do Tietê foi a mais representativa das cidades onde se desenvolveu aquilo que poderia ser chamado o segundo ciclo paulista do açúcar, a proximadamente de meados do século dezoito a meados do dezanove.

Tão ligada ao açúcar, que, segundo observação do viajante sueco Gustavo Beyer, em 1813, os ituanos tiveram o apelido de "mel de tanque", porque viviam se deliciando com o melado de seus engenhos e tinham o hábito de mascar pedaços de cana ou de rapadura. "Viajando pelos arredores de Itu (escreveu esse viajante) é impossível não notar que toda a gente da classe humilde tinha os dentes

incisivos perdidos pelo uso constante da capa de açúcar, que sem cessar chupa e conserva na boca em pedaços de algumas polegadas. Quer em casa, quer fora dela, não a largam e é possível que esta seja a causa de haver aqui mais gente gorda do que em outros lugares".

Ora, não se ignora que a indústria açucareira constituiu o fator econômico predominante do sedentarismo e da estabilização da gente paulista, no setecentismo, depois das correrias do bandeirismo e da mineração.

Explica-se, assim, a observação de Mário de Andrade de que, em fins do século dezoito os ituanos, mais que a outra gente da capitania, primassem pelo apêço às artes e decorações das igrejas e das próprias casas. Eles "representavam a civilização bandeirante do paulista velho, diria, cinquenta anos mais tarde, o dr. Ricardo Gumbleton Daunt, saudosistamente".

A BAGAGEM DO ARTISTA

Daf a oportunidade para que trabalhassem, em seus templos, e se ligassem à sua história, dois pintores notáveis, ambos nascidos em Santos, José Patrício da Silva Manso, que de 1780 a 1784 dourou o altar e pintou o fórra da capela-mór de sua matriz nova e o padre Jesuino do Monte Carmelo, cujos estudos especializados foram feitos, em Itu mesmo, com Silva Manso, a partir aproximadamente de 1781.

Na igreja ituana do Carmo, Jesuino pintou o teto da capela-mór, um medalhão representando Santa Teresa (no teto da nave) e outro representando o Menino Jesus de Praga. Na matriz nova, doze quadros a óleo sobre tela, para a capela-mór, descritos pelo citado Beyer como "bons quadros da história da igreja" e que, segundo Saint-Hilaire, revelavam o pulso de artista talentoso: "... tais pinturas foram executadas, tais como uma parte da igreja paroquial, por um sacerdote que nunca aprendeu desenho e que só saiu de Itu para tomar ordens em São Paulo". E mais, realizou Jesuino pinturas e provavelmente alguma obra de talha de altar para a sua igreja de Nossa Senhora do Patrocínio.

Notáveis são também os trabalhos de pintura que fez na igreja da Ordem Terceira do Carmo, da cidade de São Paulo, incluindo teto, medalhões e quadros a óleo sobre madeira. E os dez quadros a óleo sobre tela, executados para ornar o recolhimento de Santa Teresa, também em São Paulo, e agora expostos no Museu de Arte Sacra.

("Diário de São Paulo" de 26-09-1971)

"Padre Diogo Antonio Feijó, por

mercê de Deus — paulista!"

A GAZETA
de 20.7.57

F.10.11.1843

N.17.8.1784

IDIBAL ALMEIDA PIVETTA



Inumeros são os vultos da nossa historia que lentamente vão diluindo-se na voracidade do esquecimento, em que postéros desleixosos, injustos ou facciosos os atiraram.

Diogo Antonio Feijó, Regente do Imperio, é um exemplo frisante desse menoscabo, que infelizmente vai se tornando norma com relação a determinadas personalidades historicas.

Desde os corriqueiros compendios escolares, até os mais vetustos trabalhos de renomados autores, sente-se uma mentalidade "bitolada" orientando essa ingloria tarefa de desmerecimento.

Homem integro, honesto, cumpridor da palavra empenhada, democrata na aceção lata do termo, Feijó foi, no conturbado periodo regencial, o consolidador da ordem e do regime. Sua figura viril merece, por todos os titulos, ser colocada em plano, sinão superior, ao menos igual aos grandes vultos da nacionalidade.

Naquele ambiente febril em que pairava no ar o espectro do descontentamento popular, em que revoltas e sedições eram intercaladas por dias e às vezes por horas, o "bando" regencial de 4 de julho de 1831, nomeando o Padre Diogo Feijó para ministro da Justiça, veio aumentar a confusão reinante.

Grupos de curiosos formavam-se ao redor dos editais afixados nas paredes da Quinta de S. Cristóvão e do Largo do Roccio. Os "caramurus", ou restauradores, com a sempre-viva à lapela e seu "chapeu de palha" espetado na cabeça, manifestavam-se ferozmente contra esse ato da fragil Regencia. Os "jurujubas" ou republicanos, assim chamados, porque a 7 de abril haviam-se reunido na Praia de Jurujuba, faziam coro aos protestos de seus adversarios da vespera. Os "chimangos", que constituíam a facção liberal, não escondiam sua satisfação por essa medida de Lima e Silva e seus companheiros de Governo. Outros, uns poucos talvez, nem conheciam o novo Ministro que, pretenciosamente, fizera exigencias, impusera à Regencia certas clausulas para assumir o cargo.

— Mas afinal, quem é esse Padre Feijó?

"Fruto rolando de encosta bravia, não se sabe a arvore de que pro veio". Segundo o genealogista Francisco Negrão, seriam seus pais o Pe. Manoel da Cruz Lima e Da. Maria Joaquina de Camargo, possuindo mesmo sua ascendencia personagens de grande destaque na Vila de São Paulo de Piratininga, como o sertanista Manoel Preto, morto nas Reduções jesuíticas de Guaira, "com muy buenas flexas das que lo dieram los indios contra los quiennos yva...".

Jurado de cidade em cidade, amecado constantemente pela pobreza, abrigado quasi que sempre às escondidas por parentes que hesitavam entre a vergonha de auxiliá-lo e o dever indeclinavel do sangue, essa foi a infancia do pequeno Diogo. O proprio nome "Feijó", recebeu-o como uma esmola, dada

por uma tia materna, que o fôra buscar de seu marido, o português Miguel Feijó, já morto e que não poderia prestar.

A epoca poucas oportunidades oferecia aos habitantes da Colonia; o exercicio das armas e a carreira ecclesiastica eram os unicos caminhos que se abriam à juventude. Devido às suas obscuras origens, apenas a Igreja estava de portas abertas para o "enfeitadinho da rua da Freira". Aos dezessete anos já é "Clerigo in minoribus", destacando-se como aluno do prof. Estanislau de Oliveira, o velho e popular mestre "Gica Retorica", que nele via um grande talento.

Graças aos esforços de seu tio o Pe. João Gonçalves, antigo vigário de Guará, recebe as ordens de sub-diacono, depois de um trabalhoso processo de "genere et moribus", que transitou lentamente pela administração ecclesiastica, desconfiada daquele seu futuro servidor que nem nome possuia...

Os primeiros tempos após a ordenação foram dificeis para o jovem padre. Transferiu-se para S. Carlos (hoje Campinas) onde conseguia manter-se, ganhando alguns tostões, dando aulas de latim e retorica. Em 1807, sabemos pelo recenseamento então realizado, que o "Revmo. Pe. Antonio Feijó, natural da cidade (sic), 24 anos — Escravo Agostinho, 15 anos — Vivem de esmolas".

Com o correr dos anos foi lentamente melhorando economicamente, chegando a estabelecer-se num pequeno sitio, onde produzia para venda: arroz, feijão, milho, alem de possuir uma minuscula olaria fornecedora de tijolos para quasi toda a vila.

Numa de suas viagens a Itu conheceu o padre Jesuino do Monte Carmelo, que exerceu profunda influencia sobre ele, fazendo até com que se transferisse para aquela cidade.

Jesuino do Monte Carmelo foi, de fato, um padre original. Santista de nascimento, mulato pela cor e manso de coração, era um pequeno Leonardo provinciano. Fazia de tudo o Pe. Jesuino. Era pintor, escultor, musico, escritor e marceneiro...

Sua paróquia, a Igreja do Patrocínio, tornou-se um verdadeiro foco de idéias revolucionarias, tanto no campo politico como no religioso. Formou-se uma "Comunidade Reformista do Patrocínio", da qual participavam Feijó, Monte Carmelo, Arcanjo Ribeiro, João Xavier e outros...

Uma profunda amizade uniu os dois padres que se completavam inteiramente; um todo doçura, afabilidade, o santista; outro, todo firmeza, coragem, o paulistano.

A morte de Monte Carmelo abala profundamente Feijó, que, em seu necrologio, deixa se dominar por uma explosão incontida de revolta: "O impio, o malvado, vive; e o Pe. Jesuino, morre! Providencia de meu Deus, eu vos adoro!".

Da pequena sociedade semi-revolucionaria e teorica de Itu, à ativa atuação na politica foi um passo que o jovem clérigo deu sem aperceber-se...